

# ultimato

BUSQUEM O SENHOR ENQUANTO É POSSÍVEL ACHÁ-LO

JANEIRO-FEVEREIRO 2011 • ANO XLIV • Nº 328



Mala Direta Postal  
9912226291/2008-DR/MG  
Editora Ultimato Ltda  
CORREIOS

RECIBIMOS AUTORIZADO. Pode ser aberto pelos Correios.

## LAUSANNE 3

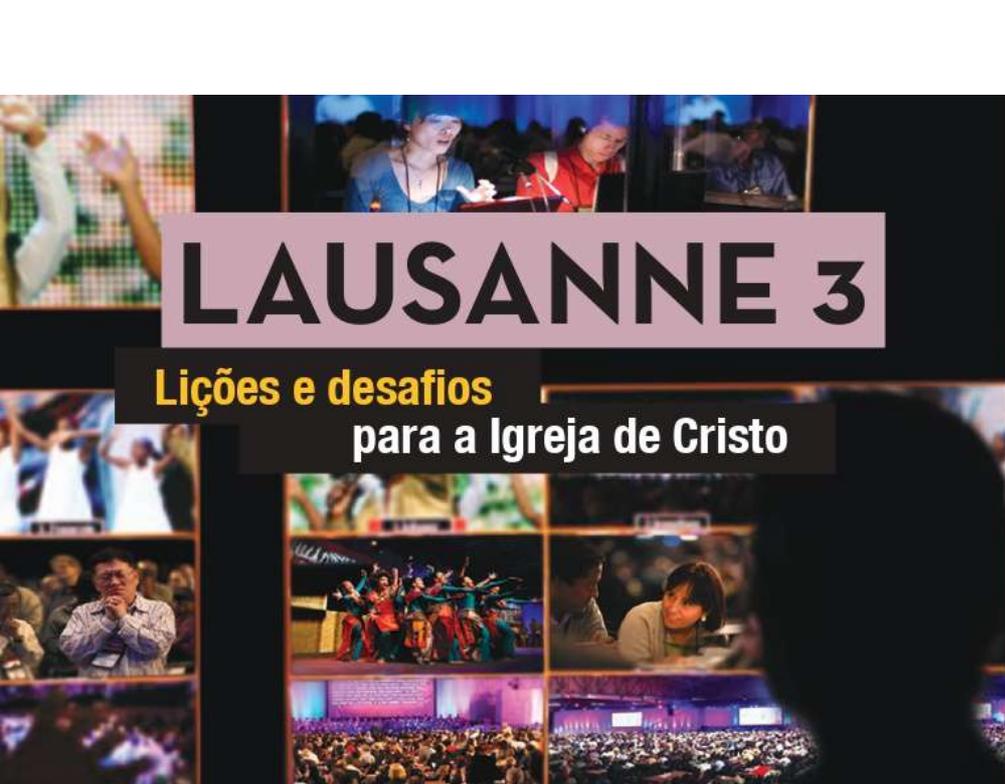
**Lições e desafios**  
**para a Igreja de Cristo**

**BRÁULIA RIBEIRO**  
O REI ESTÁ NU

**CATITO E DAGMAR GRZYBOWSKI**  
NINHO VAZIO: BOAS NOVAS OU DESESPERO?

**RUBEM AMORESE**  
ANELOS 2011

NASCE EM SÃO PAULO A ALIANÇA CRISTÃ EVANGÉLICA BRASILEIRA • A GRITARIA DOS PREOCUPADOS: PRENÚNCIOS DE UMA REFORMA INTERNA • SOBRE A PARTICIPAÇÃO EVANGÉLICA NA CAMPANHA ELEITORAL 2010 • POR UM AVIVAMENTO PENTECOSTAL



# LAUSANNE 3

## Lições e desafios para a Igreja de Cristo

O 3º Congresso Lausanne de Evangelização Mundial – CapeTown 2010, mais conhecido como Lausanne 3, foi inesquecível em muitos aspectos. Quem esteve lá não pode fazer uma análise fria, sem emoção. Era uma parte significativa da Igreja de Cristo, celebrando a comunhão e louvando ao Deus que dá sentido à vida.

# Cinco lições de La

### Não dá para cumprir o chamado missionário sem o árduo esforço da unidade

**1** Uma igreja desunida é uma igreja com pouca relevância, que não sente profundamente a dor do outro, não enxerga as chagas do próximo. Seu ensino sobre a vida parece frio e superficial, porque seu olhar é fechado em si mesmo. Essa verdade é relevante tanto para as igrejas locais — que precisam desenvolver ações em parceria que proclamem com mais consistência o evangelho da reconciliação —, quanto para a chamada “igreja global” — que precisa, por exemplo, olhar com mais compaixão para os cristãos que vivem em contextos de evidente perseguição religiosa.

Lausanne 3 dedicou o último dia à temática “parcerias”. Porém, foi nos momentos mais espontâneos, como as discussões

nas mesas e as conversas nos corredores, que o tema da unidade da igreja foi visto, não como uma simples questão de estratégia, de firmar parcerias, mas como uma expressão da riqueza teológica do trabalho em conjunto e da união em Cristo. Nesses espaços, a unidade foi vista como um verdadeiro anseio dos presentes e como o elo que pode ligar os grandes desafios da igreja.

Mas por que é tão difícil manter a unidade? Lausanne 3 não respondeu a essa pergunta; porém, nos deu algumas pistas. Como diz Vaughan Roberts, “a unidade de Cristo não pode ser criada, é uma ação do Espírito. Por meio da verdade do evangelho, do Espírito, somos o Corpo de Cristo. Deus pede que vivamos de maneira digna da vocação a que fomos chamados. As divisões não são por diferenças teológicas, mas por orgulho”. Outra pista foi dada pelo teólogo Ronald Sider em uma conversa informal: “O que eu gostaria de ver como resultado deste congresso é um equilíbrio maior de cooperação financeira entre todos nós”.

Ao olharmos para a igreja brasileira, a necessidade de unidade parece ainda mais gritante. Alguns brasileiros afirmaram que a comitiva nacional foi uma amostra do que é a igreja: alegre e numerosa, mas pouco organizada e meio sem rumo (cerca de cem brasileiros participaram do congresso). Ao refletir sobre a crise de liderança cristã no país, Robinson Cavalcanti norteou o caminho: “Precisamos de um choque de humildade”. Não podemos considerar a questão da unidade cristã sem refletir sobre o papel dos nossos líderes. Sendo assim, o conselho do “choque de humildade” é um passo igualmente relevante para termos uma igreja mais unida. Não é à toa que no penúltimo dia, dedicado ao tema “integridade”, o britânico Chris Wright exortou os presentes a um autoexame sincero diante das idolatrias atuais: o poder (orgulho), a popularidade (sucesso) e a prosperidade (ganância). “Precisamos de um retorno radical ao Senhor. Precisamos ouvir a voz dos profetas, dos apóstolos e de Jesus Cristo. Quem precisa se arrepender primeiro não são os de fora, mas os de dentro.”

Eram histórias verdadeiras de cristãos e cristãs que estão na linha de frente em lugares extremamente difíceis, enfrentando o sofrimento e a morte, lutando contra a injustiça, levando esperança e o evangelho de Jesus Cristo.

Fomos agraciados por momentos especiais, como quando a comissão brasileira pediu perdão aos líderes africanos pela dor da escravidão infligida ao seu povo. Em meio a lágrimas, tivemos a certeza de que Deus havia nos dado um presente inesperado. Ou quando uma norte-coreana de 18 anos contou sua história de fé e de como seu pai foi morto por anunciar essa mesma fé. O foco cristocêntrico, a valorização da história e a beleza litúrgica do culto de encerramento superaram nossas expectativas.

Lausanne 3 é inesquecível porque se propõe a ser um movimento global duradouro, o que não é fácil. Enquanto

as estatísticas mostram que a igreja cristã cresce, as dificuldades não diminuem. As pressões do mundo pós-moderno, as diversas faces da igreja em cada continente, o acirramento da perseguição religiosa, a complexidade da “tarefa inacabada”, as desigualdades sociais e de gênero e principalmente os próprios pecados da igreja cristã são desafios complexos e arriscados.

A Igreja Cristã pode se beneficiar desse movimento, que naturalmente não representa integralmente o Corpo de Cristo. A multiforme sabedoria de Deus vai além. O Espírito Santo sopra aonde quer. **Ultimato** reconhece a importância do Movimento Lausanne e, nas páginas seguintes, quer aproximar a igreja espalhada neste mundo e chamar a igreja brasileira a participar.

# Lausanne 3

por Lissânder Dias

**A verdade é importante e não anda sozinha**

Assim como um naufrago precisa de terra firme, é ingênuo achar que nossa geração não precisa de — e não clama por — referências claras e absolutas. No entanto, em um mundo relativista, pluralista e indiferente a questões dogmáticas, como defender a verdade única do evangelho sem perder a dimensão pessoal, amorosa e humilde daquele que é a própria verdade, Jesus Cristo?

Lausanne 3 foi ousado ao nos provocar com esse tema logo no primeiro dia, diante de um cenário tão

diversificado e do risco concreto de ressuscitar fundamentalismos e simplismos. As primeiras palavras do escritor Os Guinness foram fortes: “Oro para que não haja dúvidas de que a verdade é uma questão fundamental e decisiva para este congresso e para nós, como evangélicos. A verdade não é essencialmente uma questão filosófica, mas teológica. Deus é verdade, o seu Espírito é o Espírito da verdade; sua Palavra é verdade, nossa fé é verdade, e, a menos que sejamos seguros e firmes quanto à verdade, este congresso pode terminar agora”.

À medida que o congresso acontecia, o clamor por clareza na defesa da verdade (com referências seguras e norteadoras) foi sendo entendido também como a necessidade de uma verdade integradora, que reúna histórias de vida e esforço acadêmico. Daí a agradável surpresa de ouvir tantos testemunhos de pessoas simples de diversos lugares do

mundo. As histórias de vida são tão importantes quanto as dissertações acadêmicas. Não que uma substitua a outra, mas elas podem se fortalecer mutuamente. Uma história de vida pode resgatar o academicismo de gabinete, sem amor e sem dor. A teologia pode dar luz às histórias de vida, trazendo-lhes um sentido histórico. Tudo isso, no entanto, não excluiu a justa crítica de alguns intelectuais brasileiros de que faltou profundidade e tempo para as discussões acadêmicas.

Por último, é importante assumir o desafio de refletir sobre a unidade à luz da verdade (e vice-versa). Mais do que defender uma ou outra com unhas e dentes, a igreja cristã precisa dispor-se a fazer sérias reflexões sobre como conjugá-las harmoniosamente. Uma precisa da outra. Assim o evangelho será compreendido e digno de confiança e também amado e seguido.

# 2

### A igreja é global e as antigas categorias para delimitá-la precisam ser atualizadas à luz da globalização

O fenômeno da globalização ficou evidente em vários aspectos do congresso. O evento foi mundial; a tecnologia permitiu que 100 mil pessoas o acompanhassem pela internet. Ouvimos experiências de igrejas europeias que já não são tão homogêneas, mas têm nos bancos gente de diversas nacionalidades e provenientes de países pobres. Além desses aspectos, Lausanne 3 nos ajudou a pensar que a igreja cristã

não pode mais ser desenhada simplesmente em termos geográficos. Como lembra o pastor e cientista social Orivaldo Pimentel, “não se pode pensar a igreja com as mesmas categorias de antes. Não mais em termos de Norte, Sul, Leste e Oeste, mas sim da presença global num mundo globalizado”. Isso exige de nós novas formas de pensar a presença da igreja. O que significa ser uma comunidade global, mas que constrói a identidade localmente? Como devemos comunicar o evangelho nesse contexto? Como deve ser o nosso testemunho? Quais as oportunidades de serviço? Os efeitos desse fenômeno devem ser analisados a longo prazo, já que eles não são tão óbvios quanto seus sintomas.

Outra dimensão importante da globalização, lembrada mais

claramente pelos teólogos René Padilla e Samuel Escobar no quarto dia do congresso, é a econômica. Padilla considerou a pobreza gerada pela globalização como um dos grandes desafios da igreja e achou que o assunto foi pouco abordado por Lausanne 3. Ele já havia aprofundado a mesma ideia no artigo *From Lausanne 1 to Lausanne 3*, publicado no *Journal of Latin American Theology*, a revista da Fraternidade Teológica Latino-Americana, distribuída durante o evento. “Cristãos conscientes não podem ignorar a extrema pobreza de milhões de pessoas, gerada pelo atual sistema econômico global controlado, em grande medida, por uma classe corrupta transnacional.”

### O texto bíblico e a oração são riquezas incalculáveis

Esses dois recursos nos renovam quando as circunstâncias exigem algo mais do que argumentos humanos. São fonte de poder, de arrependimento, de amor e de sabedoria; são canais da obra do Espírito Santo no espírito humano. Abandonar essas duas práticas ou deixá-las em segundo plano é perder-se na caminhada. Dois momentos no congresso foram simbólicos quanto a isso:

- *Perdão regado a oração* — no último dia a comissão brasileira, liderada pelo pastor Key Yuasa, tomou

a iniciativa de escrever uma carta pedindo perdão à igreja africana pela triste história de escravidão no Brasil. Um dos momentos mais emocionantes foi quando, após a leitura da carta, durante a reunião regional da África, os líderes africanos pediram ao grupo de sete brasileiros que representava a comissão que ficassem de joelhos. Em meio a lágrimas, os irmãos da África oraram longamente anunciando o perdão aos brasileiros; enquanto oravam, lembravam o sofrimento vivido por mulheres e filhos, sem maridos e pais, que foram trazidos cativos para o Brasil. Espontaneamente, um grupo de africanos foi até a reunião da comissão brasileira e orou novamente por nós. Nada poderia traduzir melhor e reunir os sentimentos de todos do que a oração. O perdão foi regado pela beleza da oração.

- *Estudos bíblicos indutivos* — todas as manhãs, nos reuníamos em grupos de sete pessoas e estudávamos juntos a carta de Paulo aos Efésios. Por diversas vezes, nos vimos desarmados pela riqueza da Palavra de Deus. Apesar do pouco tempo, cada momento de estudo indutivo nos fazia assumir novamente a responsabilidade para com o evangelho e o mundo, e nos permitia conhecer histórias de irmãos de diversos países. Experimentamos uma unidade misteriosa, movida pela Palavra, baseada nos relacionamentos, que gera alegria, respeito e amor pelo outro. Como disse o teólogo Samuel Escobar, “foi o momento mais rico do congresso”.

O texto bíblico e a oração são pilares para a compreensão orgânica da igreja de Cristo.

## Os jovens são a grande força missionária

Coragem, idealismo, paixão por Cristo e pelas pessoas — esses são os recursos necessários para

a mudança de geração, sem perder a herança histórica. Valorizar e reconhecer a juventude nos ajuda a celebrar o Corpo de Cristo, de tantas idades, e a discernir melhor as muitas faces e a velocidade do nosso tempo.

Além disso, por sua grandiosidade e relevância, Lausanne 3 não pode ser assimilado a curto prazo. Os jovens são personagens fundamentais para

que as mais significativas mudanças aconteçam dentro e fora da igreja de Cristo. Não é à toa que 40% dos participantes eram pessoas com idade entre 20 e 40 anos. O esforço dos organizadores para que houvesse, de fato, uma representatividade de jovens líderes reforça a esperança de que o evangelho continuará sendo anunciado em todos os lugares, sem deixar de enfrentar as principais questões contemporâneas.

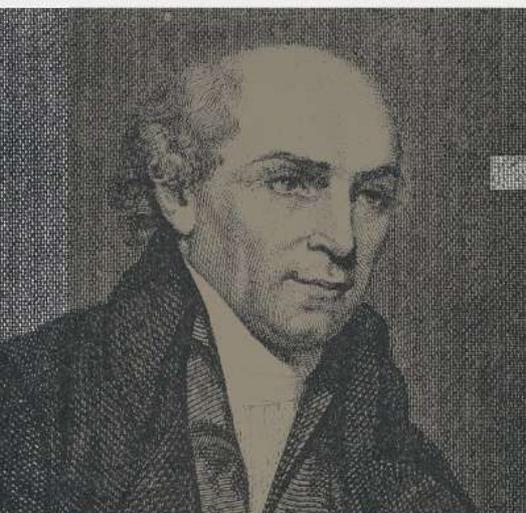
Ao mesmo tempo, essa evidência aumenta a responsabilidade dos mais velhos. É preciso apoiar e pastorear nossos jovens nos mais desafiadores contextos: nas periferias das grandes cidades, nas igrejas, nas escolas, nas universidades e outros lugares. Juntos, jovens e velhos precisam caminhar em alegria e em confiança. Enquanto os jovens devem honrar a sabedoria dos mais velhos, estes devem permitir que aqueles liderem projetos e comunidades até então sob suas responsabilidades.

5



The Lausanne Movement

Jovens e velhos no plenário de Lausanne: juntos eles precisam caminhar com alegria e em confiança



Sonho de **1810**  
só se concretiza  
em **2010**

Quando era missionário na Índia, o inglês William Carey planejou realizar um congresso missionário internacional na Cidade do Cabo, na África do Sul, no ano de 1810. Foi obrigado a desistir por razões óbvias: os participantes da Europa e da América do Norte gastariam meses só nas viagens marítimas de ida e volta ao lugar da conferência, no extremo sul do continente africano. Ele mesmo levaria várias semanas para descer todo o Oceano Índico, de Calcutá à Cidade do Cabo. Carey, a esposa, grávida, e os três filhos embarcaram no navio dinamarquês *Körn Princess* da Inglaterra para a Índia no dia 13 de junho de 1792. A família só chegou ao destino cinco meses depois, no dia 11 de novembro.

Carey não sonhou em vão; a conferência foi apenas “adiada”.

Ela se realizou em outubro de 2010, na Cidade do Cabo, 200 anos depois de planejada. Foi o 3º Congresso Lausanne de Evangelização Mundial.

William Carey, batista, chamado de “pai das missões modernas”, era um superdotado com referência a idiomas: ele conhecia os idiomas originais da Bíblia (hebraico e grego), latim, italiano, francês, holandês e pelo menos três idiomas orientais (bengali, sânscrito e marathi). Graças a esse dom, traduziu a Bíblia toda para dois idiomas indianos. Ele dedicou à Índia 42 dos seus 73 anos de vida. Nunca voltou à Inglaterra, nem para tirar férias, nem para se aposentar. Ficou viúvo duas vezes e casou-se três.

# Novas geografias,

**D**oug Birdsall, presidente executivo do Movimento Lausanne, estava certo quando afirmou que o 3º Congresso de Evangelização Mundial foi a “assembleia evangélica global mais representativa da história”. Além dos mais de 4 mil participantes de 198 nações presentes em Cape Town, o congresso foi assistido por cerca de 100 mil espectadores a partir de quase setecentos sites que retransmitiram o evento em 96 países.

Lausanne 3 marcou de vez a nova geografia da igreja global. Nas últimas décadas, o centro de gravidade do cristianismo deslocou-se do Norte e do Ocidente para o Sul e o Oriente (África, América Latina e Ásia) e isso foi visto e anunciado no congresso. A escolha da África do Sul como anfitriã foi uma forma de fazer jus a essa mudança.

A primeira saudação no manual entregue aos participantes é assinada pelo arcebispo da Igreja de Uganda, Henry Luke Orombi: “Bem-vindos à África, nossa terra-mãe, e a Cape Town, a cidade-mãe”. Em outra mensagem, publicada no informativo diário, ele declara: “Em 1900, somente 9% da população da África era cristã. Em 2000, chegou a 46%, com 360 milhões de cristãos. Ao mesmo tempo, houve um trágico declínio no número de cristãos ativos e praticantes no mundo ocidental”. Citando Philip Jenkins, autor de *A Próxima Cristandade*, Orombi acrescenta: “Até 2025, 50% da população cristã estará na África e na América Latina e outros 17% estarão na Ásia. [...] Não somos mais apenas o alvo dos missionários ocidentais. Somos

também os que enviam missionários para o Ocidente”.

Se Cape Town 2010 reivindica a representação da igreja global evangélica, convém perguntar como esse objetivo foi alcançado. Segundo Tim Stafford (articulista do site *Christianity Today*), quando Doug Birdsall convidou o bispo metodista da Malásia Hwa Yung para trabalhar com ele no planejamento do congresso, este perguntou: “Que tipo de conferência você quer? Um congresso normal dominado por líderes do velho Oeste ou um que represente o que a igreja é hoje?”.

**Lausanne 3 foi o corpo mais representativo da igreja evangélica já montado**

Os 4 mil participantes foram escolhidos por meio do seguinte processo de seleção: o Movimento Lausanne elegeu um comitê, que incluía um representante de cada uma das doze regiões globais. Esse comitê escolheu um diretor para cada país convidado (duzentos ao todo), que deveria ser imparcial e representar toda a igreja de seu país, e não apenas seus amigos e companheiros de igreja. Para montar a delegação de cada país, esse diretor contou com a ajuda de um

comitê nacional.

A quantidade de representantes dependia do número de cristãos evangélicos em cada país, com base principalmente nas estatísticas do *Operation World*, um guia mundial de oração ([www.operationworld.org](http://www.operationworld.org)). Os comitês de seleção deveriam seguir estas orientações: concordância com o Pacto de Lausanne (declaração do primeiro congresso, em 1974), equilíbrio em termos de igrejas, etnias e gêneros, garantia da presença de jovens (30%), de mulheres (o critério era de 35%, mas a composição final foi de 27%), e de delegados que viessem do “mundo do trabalho” — leigos que não tinham cargo oficial na igreja ou missão (10%). O resultado final não foi um perfeito espelho da igreja evangélica, mas sem dúvida o corpo mais representativo da igreja evangélica já montado.

Lindsay Brown, diretor internacional de Cape Town 2010, comentou que o equilíbrio global se refletiu também nas finanças. Os duzentos delegados da China (impossibilitados de participar porque o governo chinês se recusou a liberá-los) pagaram por todas as suas despesas, além de contribuírem com milhares de dólares para as despesas de outros. A maioria dos delegados da Índia pagou suas próprias despesas. Os da Malásia fizeram o mesmo. “China e Índia deram mais que a Europa”, disse Brown. “Essa é a primeira vez que eu vi esse tipo de liberalidade quanto aos recursos financeiros.”

A representatividade desse novo cenário foi vista na composição das delegações: 70% dos participantes eram da África, América Latina

# velhas desigualdades

por Klênia Fassoni

e Ásia. Isso contrasta fortemente com Lausanne 1, em que 70% dos participantes eram do Ocidente, e com os números da conferência missionária mundial em Edimburgo, há um século. Nesta, dos 1.200 delegados, quinhentos eram dos Estados Unidos, quinhentos da Grã-Bretanha, quatro da Ásia e nenhum da África.

A composição dos palestrantes e dos músicos também evidenciou essa representatividade: dos 42 palestrantes e mestres de cerimônia apresentados no caderno do participante, treze eram da África, onze da Ásia, oito da Europa e sete dos Estados Unidos e Canadá. Havia também um palestrante da Oceania. A participação de apenas dois latino-americanos foi um grave senão. Os 33 músicos e cantores encarregados da direção da adoração provinham de quinze países diferentes, de praticamente todos os continentes.

A sugestão dada aos congressistas (“você pode tomar café-da-manhã com alguém da Ásia, passar o intervalo com alguém da América Latina, almoçar com um europeu e chamar um intérprete para ajudá-lo no jantar com alguém da Eurásia ou do Pacífico Sul”) pode sugerir que as tensões entre o Norte e o Sul estariam resolvidas. Porém, não é bem assim. Na apresentação do programa para o sexto dia, cujo tema era “formando parcerias no Corpo de Cristo rumo ao novo equilíbrio global”, os diretores do congresso reconhecem:

O centro de gravidade da igreja cristã mudou do Norte para o Sudeste e Sul (África, América Latina, Ásia). Nesses continentes e entre suas diásporas vemos grande fervor espiritual e engajamento

holístico, e bons exemplos de liderança como à de Cristo-servo. Porém, o centro da liderança organizacional, do controle financeiro e das tomadas de decisão tende a permanecer no Norte e no Oeste. [...] [Isto] nega a verdade de que, no Corpo de Cristo, todos nós precisamos uns dos outros. O problema pode surgir por ignorância, estruturas falhas, independência e acúmulo de poder regional.

Um multiplex e algumas sessões de diálogo abordaram esse tema. Um dos palestrantes citou a estatística da ONU de que os cristãos doam, em média, 2% para missões e estimulou os participantes a imaginarem o que aconteceria se aumentassem para 3 ou 4%. Incentivou-os a pensar no Espírito Santo como inspirador das doações.

**O centro de gravidade da igreja cristã mudou do Norte para o Sudeste e Sul. Porém, o centro da liderança tende a permanecer no Norte e no Oeste**

Ele e outros insistiram que os temas *mordomia* e *parcerias* devem ser tratados juntos.

Richard Stearns, presidente da Visão Mundial nos Estados Unidos e autor de *A Grande Lacuna* (Editora Garimpo), afirmou que o Ocidente abraçou uma visão fraca e unidimensional do

evangelho. “É um evangelho que protege o *status quo* injusto, que não exige nada do rico, no qual falta poder para mudar o mundo ou ganhá-lo para Cristo”.

O teólogo latino-americano René Padilla, uma semana após o congresso, lamentou:

Tristemente, o maior obstáculo para implementar uma verdadeira parceria na missão é a riqueza do Norte e do Ocidente; a riqueza que Jonathan Bonk, em seu importante livro *Missions and Money* (Missões e dinheiro), descreve como “um problema missionário ocidental”. Se é assim, e se o Movimento Lausanne vai contribuir significativamente com o cumprimento da missão de Deus por meio de seu povo, chegou o momento de a força missionária conectada com esse movimento, incluindo seus estrategistas, renunciar ao poder do dinheiro e modelar a vida missionária na encarnação, no ministério terreno e na cruz de Jesus Cristo.

A crítica de René deve ser aplicada também às desigualdades internas em cada país (seja o Brasil ou outro) e em cada região (seja a América Latina ou outra).

A confissão lida na cerimônia de encerramento de Lausanne 3 pode ser um bom começo rumo ao “equilíbrio global”:

Diante do Senhor, arrependemo-nos da extrema desigualdade material dentro da igreja global de Cristo, [...] do desequilíbrio dos recursos disponíveis para a missão em diferentes partes da sua igreja. Firmamos o compromisso de buscar um novo equilíbrio global enraizado no amor mútuo e profundo e na parceria humilde dentro do Corpo de Cristo em todos os continentes.

# Uma declaração de amor

por Klênia Fassoni

O Compromisso da Cidade do Cabo, produzido por Lausanne 3, tem como subtítulo “uma declaração de fé e um chamado para agir”. Mesmo que o documento seja um minicompêndio de teologia, o subtítulo mais correto seria “uma declaração de amor e um chamado para agir”. A palavra *amor* aparece cem vezes, além das 98 vezes em que o verbo *amar* é usado. O amor é colocado como a mola propulsora para a missão da igreja e essa mesma ênfase permeou todo o conteúdo e metodologia do congresso (dramatizações, músicas, imagens, testemunhos, mesas de estudo, oração).

Os relatores justificam: essa “declaração foi firmada na linguagem do amor, pois o amor é a linguagem da aliança, e as alianças são uma expressão do amor redentor de Deus [...]. Como Deus é amor, o amor permeia todo o seu ser e todas as suas ações”. E reconhecem: “Quando afirmamos nossas convicções e nosso compromisso em termos de amor, estamos assumindo o mais *básico* e o mais *difícil* de todos os desafios bíblicos”.

Será muito bom trazermos à memória a forma como o amor de Cristo nos alcançou para, em seguida, renovarmos o nosso amor por ele. É por isso que Paulo, em Efésios (a carta foi estudada em pequenos grupos durante o congresso), ora para que Cristo habite em nós a fim de que possamos, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejamos cheios da plenitude de Deus.

O Compromisso da Cidade do Cabo está dividido em duas partes: “Para o Senhor que amamos; o nosso compromisso de fé” e “Para o mundo

em que servimos; o nosso compromisso de agir”. A primeira parte, entregue aos participantes, é composta de dez itens, todos iniciados com a expressão “nós amamos”.

E assim transcorrem 21 páginas de declarações em amor: “Renovamos o nosso compromisso de não *flertar* com o mundo caído nem com suas paixões transitórias”, “amamos a Bíblia *como uma noiva ama as cartas de seu noivo*, não pelo papel propriamente dito, mas pela pessoa que fala por meio dele”, “o mais elevado de todos os motivos missionários não é a obediência à Grande Comissão nem o amor pelos pecadores que estão perecendo, mas o *zelo apaixonado* pela glória de Jesus Cristo”.

O amor a que o Espírito de Deus nos inspira tem repercussões horizontais: é dele que vem a motivação de amar todos os povos, rejeitando qualquer forma de racismo e etnocentrismo e exigindo solidariedade e justiça

As declarações abrangem todas as áreas da missão. A missão é a missão de Deus, que nasce do seu amor por todas as coisas criadas e que consiste em fazer convergir a Cristo todas as coisas no céu e na terra, reconciliando-as por meio de sua cruz (“Deus em Cristo reconciliando consigo todas as coisas” era o tema de Lausanne 3). Essa missão deve ser o nosso foco, o nosso chamado e a nossa paixão. O amor a que o Espírito de Deus

nos inspira tem repercussões horizontais: é dele que vem a motivação de amar todos os povos, rejeitando qualquer forma de racismo e etnocentrismo e exigindo solidariedade e justiça, e de desejar que todas as nações o conheçam.

Somos chamados também a ser uma comunidade que demonstre o amor de Deus. O Compromisso lembra que tanto o mandamento de Jesus de amarmos-nos uns aos outros como a sua oração (“para que todos sejam um”) são missionais: “Com isto todos saberão que sois meus discípulos” e “para que o mundo creia que tu [o Pai] me enviaste”. Esse é o grande desafio para o povo de Deus — “aqueles de todas as *ets* e *nações* que Deus em Cristo amou, escolheu, chamou e santificou como seu povo”.

Neste mundo corrompido, temos sido apenas um reflexo fraco do amor, da alegria e da paz, não a noiva radiante de Cristo. Porém, o valor testemunhal de uma comunidade de amor é vital em lugares de sofrimento intenso — onde falar de um Deus amoroso parece brincadeira — ou em meio ao secularismo e à globalização, onde as relações são superficiais.

Que o amor, fruto do Espírito Santo, cresça em nós! E que ele, o Espírito missionário do Pai missionário e do Filho missionário, sobre vida e poder na igreja missionária de Deus.

Para os organizadores de Lausanne 3, a forma como a igreja vai receber o Compromisso da Cidade do Cabo será, em boa parte, o impacto do congresso. O documento está disponível na íntegra em [www.lausanne.org](http://www.lausanne.org), em português e outros sete idiomas. Ele pode e deve ser copiado, reproduzido, estudado e adaptado em sermões e estudos bíblicos. As igrejas, os seminários e as organizações evangélicas devem se apropriar desse material. Em breve estará disponível também o guia de estudos.



## Um lugar para Lausanne 3 na história

Lyndon de Araújo Santos

The Lausanne Movement

**C**ertamente, Lausanne 3 terá um lugar na história sob diferentes pontos de vista. Como testemunha ocular e num exercício de interpretação ampla, apresento algumas perspectivas históricas do congresso.

*História contemporânea.* Em 1974, o congresso aconteceu no auge do conflito da Guerra Fria. Em 1989, ocorreu no início do período neoliberal e no fim do socialismo real. Em 2010, o congresso aconteceu num mundo mais multilateral em suas relações de força, urbano, plural e sob o alerta da destruição ambiental.

*História social.* Lausanne 3 será lembrado pelo seu sentido histórico e relevância social. Deu-se o registro de um volume extraordinário de fontes históricas em discursos, documentos escritos e imagens. Memórias, sentimentos, percepções e olhares foram transformados em relatos orais, imagens e ações. Os efeitos desse impacto nos diferentes contextos trarão mudanças imprevisíveis em histórias de vida, contextos e comunidades.

*História conciliar do cristianismo.* O congresso se inseriu na tradição conciliar da igreja (Hans Küng), embora sem um propósito dogmático normativo, tais como os concílios ecumênicos nos primeiros oito séculos de era cristã. Os católicos romanos tiveram Latrão (Idade Média), Trento (Idade Moderna) e Vaticanos 1 e 2 (1870 e 1962). Os protestantes tiveram Edimburgo em 1910. Entretanto, Lausanne se compreende como um

*movimento*, enquanto os concílios são conclaves em torno de controvérsias teológicas e que redefinem rumos da igreja.

*História das religiões.* Lausanne 3 expressou a pluralidade atual do cristianismo ante o desafio dos diálogos ecumênico e inter-religioso. A presença de observadores de outras igrejas cristãs sinalizou a postura de ouvir, observar e dialogar pelos seus diferentes ramos. Por sua vez, a ação missionária nos contextos islâmico, hindu, budista e de outras religiosidades demonstrou a exigência do debate sobre o relacionamento com outras crenças, a tolerância e o estatuto da verdade religiosa.

*História cultural.* Lausanne realizou um evento *globalizado* no seu aparato tecnológico e numa perspectiva predominantemente ocidental. Um exemplo disso foram as imagens e representações veiculadas da África desde uma estética *hollywoodiana*. Não há uma África, mas *Áfricas*. Foi o primeiro Lausanne também online. Embora a globalização em seus congêneres negativos (pluralismo e secularismo) tenha sido confrontada como ameaça à igreja, esta mesma igreja se mostrou afinada com os seus avanços.

*História das missões.* O congresso constatou o deslocamento da força missionária para o eixo América Latina/África/Ásia. Será que essas igrejas criarão suas próprias perspectivas teológicas e eclesiais marcando o século 21 com um cristianismo latino-

americano, africano e asiático? A opção será por uma ação missionária a partir do contexto de sua encarnação ou o discurso proposicional de imposição da verdade sobre o outro, conquistado não somente para a fé verdadeira, mas para uma cultura que se julga superior. Lausanne 3 demonstrou o esgotamento de um evangelicalismo etnocêntrico, nomeando inimigos a serem conquistados.

Num movimento dialético, em 1974 os evangélicos discutiram a relação entre a proclamação e a responsabilidade social. Manila reafirmou a missão como anúncio a povos não-alcançados, em conflito com a missão como encarnação. Cidade do Cabo, por sua vez, recolocou a integralidade da missão pela força dos testemunhos e das experiências das comunidades cristãs no mundo.

O lugar de Lausanne 3 na história se dará tanto por sua força como por suas fragilidades. Tal contradição pode se tornar um impulso motivador para a igreja no século 21. À beleza, luta e dinâmica missionária testemunhadas, se contrapôs a pouca reflexão teológica e missiológica sobre questões como gênero, diálogo inter-religioso, crise ambiental e homossexualidade. Quanto a uma *história da igreja latino-americana*, ficou uma dúvida pela sua quase invisibilidade, não coerente com a sua atual dinâmica, incluindo o Brasil.

Lyndon de Araújo Santos é historiador, professor universitário e pastor da Igreja Evangélica Congregacional em São Luís, MA.

# O espírito de Lausanne

O 1º Congresso Lausanne, em 1974, trouxe uma grande contribuição para o cristianismo global. O Pacto de Lausanne é reconhecido como um dos documentos mais completos sobre a missão da igreja. Desde então, o “movimento de Lausanne”, com seus altos e baixos, permanece como um referencial para a unidade missionária do mundo evangélico.

O processo de compreensão e amadurecimento de tudo o que foi gerado a partir do Pacto de Lausanne levou vários anos. Compreender a missão integral da igreja e reconhecer que o evangelho de Jesus envolve todo o propósito de Deus para todo o ser humano, em todas as suas necessidades, não foi fácil e continua sendo um grande desafio. A busca pela contextualização, sem se deixar moldar por uma exegese cultural, tem requerido um esforço contínuo da igreja. Criar espaços de diálogo entre Norte e Sul, Leste e Oeste, ricos e pobres, homens e mulheres das mais diferentes matrizes sociais e/ou teológicas, e promover a unidade da igreja também não tem sido um caminho fácil. Porém, o que vimos no 3º Congresso Lausanne, na Cidade do Cabo, foi uma celebração de tudo isso e mais um pouco. A semente de Lausanne deu frutos. O espírito de Lausanne é hoje uma realidade no mundo evangélico.

Ouvir testemunhos de irmãos e irmãs de todos os cantos do planeta, falando de suas lutas pela promoção da justiça, trabalhando pela reconciliação entre pessoas e grupos marcados pela hostilidade e pelo ódio, enfrentando corajosamente a opressão e a perseguição de governos totalitários,

promovendo a integração na igreja de pessoas e grupos marginalizados, foi a colheita da semente plantada em 1974. A preocupação com a devoção e a prática de uma espiritualidade bíblica e missionária, a afirmação da unicidade e centralidade de Cristo e sua autoridade final na proclamação do evangelho e no discipulado, o chamado à humildade, integridade e simplicidade, demonstraram que o “espírito” de Lausanne é hoje uma realidade no cristianismo global.

Uma das marcas desse espírito está na linguagem do “Compromisso da Cidade

## Compreender a missão integral da igreja continua sendo um grande desafio

do Cabo”. Em vez de usar a linguagem acadêmica dos pactos e declarações de congressos dessa natureza, usou-se uma linguagem pessoal e afetiva. O compromisso começa assim: “Para o Senhor que amamos: nosso compromisso de fé”. Toda a declaração é fundamentada em nossa resposta ao amor de Deus. No final da introdução, encontramos a seguinte explicação para a linguagem do amor:

O amor é a linguagem da aliança. As alianças bíblicas, antigas e novas, são expressões do amor redentor de Deus e da graça que alcança a humanidade perdida e a criação deteriorada. Essa aliança nos convida a responder em amor.

Nosso amor expressa nossa confiança, obediência e o compromisso apaixonado com a aliança do Senhor. O Pacto de Lausanne definiu a evangelização como: “Toda a igreja, levando todo o evangelho, para todo o mundo”. Essa continua sendo nossa paixão.

Nesses quase 40 anos que nos separam do primeiro congresso, a linguagem teológica do terceiro congresso alcança a maturidade de uma linguagem de amor apaixonado. A teologia da missão integral deixa de ser defendida teologicamente para ser celebrada como expressão do nosso amor pelo próximo. Em 1974 e 1989 (Lausanne 2), a preocupação com a salvação da alma provocava fortes reações entre os que achavam que a missão integral era uma nova versão do “evangelho social”. Em Lausanne 3, vimos com alegria a superação dessas reações e a afirmação do “nosso amor por todo o evangelho”, “nosso amor por toda a igreja”, e “nosso amor por todo o mundo”.

Cheguei à Cidade do Cabo sem saber ao certo o que iria acontecer. Minhas expectativas apostavam nas plenárias, nos grandes e controversos temas do século 21. As primeiras impressões foram de frustração. Pouco tempo para as plenárias e para as conversas das mesas; tudo apontava para uma superficialidade teológica. De certa forma, foi o que aconteceu com alguns temas. Porém, de repente, me dei conta de que o espírito do congresso era outro — precisava mudar o olhar e a disposição. Mudei e voltei cheio de esperança.

Ricardo Barbosa de Sousa é pastor da Igreja Presbiteriana do Planalto e coordenador do Centro Cristão de Estudos, em Brasília. É autor de *Janelas para a Vida* e *O Caminho do Coração*.

# As belas artes de Lausanne 3

**A**s artes tiveram destaque especial em Lausanne 3. Gostei muito, pois, via de regra, os eventos cristãos dão pouco espaço para esse tipo de linguagem. Na Cidade do Cabo foi diferente: houve uma verdadeira integração entre pregações, testemunhos e arte. Um apontava para o outro, um reforçava o outro. Havia coerência no programa.

Foi maravilhoso ver tanta diversidade artística num só evento. Nas plenárias, fomos enriquecidos por música de qualidade, conduzida por um grupo musical multicultural, por uma deslumbrante orquestra e um grande coral. Assistimos a performances teatrais, nos deleitamos com a dança contemporânea de gabaritados profissionais, e assistimos a vídeos bem produzidos — alguns com conteúdos questionáveis, mas com estéticas e enquadramentos diferenciados.

Chamou a atenção o enorme telão de *lead* que fazia fundo ao palco central. A cada temática uma nova imagem era projetada. No último dia, na ceia, a multidão de mais de 4 mil congressistas cantava um hino que exaltava o Cordeiro Santo, embalada pela orquestra; enquanto isso, imagens de obras de arte se revezavam no telão, com variadas concepções étnicas de Cristo Jesus. Foi algo deslumbrante e emocionante.

Do lado de fora do salão, mais arte era oferecida. Tínhamos acesso a mostras de cinema, além de sessões de diálogo sobre temas como arte e cura, arte e adoração, arte em missões, cristãos no mundo artístico, mídia visual nativa, filme e fé, entre outros. Pelos corredores e salas do centro de convenções, quadros a óleo se misturavam com colagens, esculturas, fotografias, pinturas em tecidos. No *hall* central, o artista Hyatt Moore expunha seus belos quadros, entre eles “A última ceia com as doze tribos”, no qual Jesus está ao lado de seus discípulos identificados por povos de várias nações. Até os “canela”, do Brasil, estavam lá representados. Nos intervalos, Hyatt pintava telas em tamanho natural dos congressistas tipicamente trajados. À medida que o congresso avançava, as obras se multiplicavam e se misturavam aos personagens reais que transitavam pelos corredores. Coisa bela de se ver.

Concordo em parte com as críticas de que as performances teatrais foram longas e tomaram o escasso tempo das discussões dos grupos. Não creio que isso aconteceu. No entanto, percebi que algumas peças não foram tão eficientes em sua comunicação. Diálogos longos não eram apropriados para aquele espaço multilíngue. Eles teriam tido mais sucesso

se tivessem utilizado a linguagem sensorial, por meio de expressões corporais e musicais, luzes e cores, para transmitir o conteúdo. Sempre que assim fizeram conseguiram intento.

Talvez minha única frustração tenha sido a música. Esperava ouvir canções culturais africanas legítimas, bem como de outros povos. Porém, com raras exceções, o que predominou foi o louvor globalizado presente em nossas igrejas brasileiras. As canções cristãs comerciais prevaleceram. Vez por outra era tocada uma canção africanizada, que estava mais para musical do Rei Leão — uma construção estética da África a partir do viés ocidental — do que para uma expressão genuína daquele povo. A história se repetiu. Infelizmente!

#### Nota

Para dicas musicais, acesse o podcast: [www.carlinhosveiga.com.br](http://www.carlinhosveiga.com.br).



No culto de encerramento, o telão de *lead* inspirava os congressistas com imagens fantásticas



O artista plástico Hyatt Moore coloriu os corredores de Lausanne 3 com sua arte

# É possível terminar a tarefa inacabada?

**A**lgumas pessoas me perguntam: “E então, o que saiu de concreto de Lausanne 3?”.

Embora seja difícil “concretizar” tanta coisa que nos impactou por lá, há uma certeza: a tarefa de casa ficou muito clara para todos.

Quem não sabe de cor Apocalipse 7.9-10? Esse é o grande desafio de missões no mundo hoje: fazer todo esforço conjunto e possível para que povos de todas as línguas e regiões tenham a oportunidade de louvar ao Cordeiro.

Os organizadores trabalharam com afinco para atualizar os dados sobre os povos “não-alcançados” do mundo. Como fruto de muita pesquisa, lançaram a cartilha do dever de casa em oito línguas: uma relação dos 632 grupos etnolinguísticos de mais de 50 mil pessoas “que não dispõem de missionários, nem de igrejas, nem de pessoas planejando trabalhar com eles”.<sup>1</sup> Muitos desses grupos estão na Índia. No Sudão, há 56 deles. Os surdos em Portugal, por exemplo, formam um grupo: ainda não existe um trabalho direcionado especificamente para alcançá-los.

Os grupos menores ficaram de fora da cartilha, mas não da pesquisa. Aí são 1.505 grupos com populações de 5 a 50 mil pessoas que também precisam ouvir a Palavra e ser discipuladas.

Foi lançado o desafio de designarmos uma força-tarefa formada por 4 mil contadores de histórias.

Esses missionários nada tradicionais seriam os *Joões Batistas* dos tradutores, os precursores da Palavra. Não significa que uma tarefa exclui a outra — enquanto os tradutores vão trabalhando, os contadores vão alcançando as pessoas com as histórias bíblicas. Na maioria das vezes, eles não precisam vir de tão longe, nem precisam de uma formação tão

**O desafio de missões hoje é fazer todo esforço conjunto e possível para que povos de todas as línguas e regiões tenham a oportunidade de louvar ao Cordeiro**

especializada quanto a dos tradutores. Uma senhora nos contou no plenário como tem sido seu trabalho nessa área, após treinar vinte mulheres como contadoras de histórias bíblicas. Elas estão indo para partes remotas e pobres da Índia que não possuem a Bíblia escrita, ou onde as pessoas ainda não são alfabetizadas.

David Yoo e Paul Eshleman nos lembraram que 86% dos muçulmanos, hindus e budistas (que juntos perfazem metade da população mundial) não conhecem pessoalmente um seguidor de Cristo.

Também falaram da importância da mídia na evangelização mundial: hoje, um quarto das pessoas está se decidindo por Cristo por meio da mídia (rádio, televisão, internet etc.).

Houve interação com os delegados dos 198 países presentes, por meio de perguntas como esta: “Você conhece algum cristão fluente em alguma destas línguas [que necessitam tradução] que possa colaborar?”. Qualquer delegado podia preencher uma folha de correção para algum dado na pesquisa que sabia ser diferente. Ao final, foi distribuído um “cartão-resposta” para quem desejasse se comprometer com algum grupo específico. Nesse sentido, Lausanne foi também uma reunião de trabalho.

No encontro latino-americano realizado no último dia do congresso, Valdir Steuernagel nos lembrou: “Há uma mudança no foco da evangelização mundial. E a América Latina precisa aprender a se doar para o resto do mundo. Precisamos dar um testemunho de unidade, antes de tudo”.

Lausanne 3 trouxe a mensagem de que é possível “terminar” a tarefa em nossa geração — se todos trabalharmos juntos, em unidade e cooperação. Qual será a nossa participação, como igreja brasileira?<sup>2</sup>

#### Notas

1. Segundo a pesquisa, “a informação dessa lista está mudando rapidamente”. Mais informações em [www.finishingthetask.com](http://www.finishingthetask.com).
2. Leia o artigo “Alguns pensamentos sobre a estratégia de ‘povos não-alcançados’” em [www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br).

Délia Bastos é diretora da Interserve Brasil-CEM.

# Lausanne:

## o olhar de um veterano

Chego para o Congresso Lausanne 3 e percebo que sou o único remanescente da delegação brasileira presente em Lausanne 1 (1974), na Suíça: uma parte da bancada já está na glória e a outra veste merecido pijama... Alguns poucos estiveram em Lausanne 2 (1989), em Manila, Filipinas. A cada congresso foi aumentando a nossa representação dos ministérios da “base” e escasseando os presidentes de denominações ou secretários de missões, pois o casamento do modelo de *superstar* norte-americano com o velho caudilhismo latino-americano tem, cada vez mais, fragilizado as instituições e fortalecido os líderes movidos a holofotes, que aparecem somente para pontificar e “brilhar”, nunca para compartilhar e aprender,

pois humildade é uma virtude cada vez mais escassa. O Movimento Lausanne foi precedido pelo Congresso de Berlim (1966) e pelos congressos continentais de evangelização, como o CLADE 1 (1969), em Bogotá, Colômbia, motivados pela revista *Christianity Today*, dirigida por Carl Henry, e a Associação Evangélica Billy Graham. Havia então um mal-estar generalizado entre as lideranças mais lúcidas com a herança das polarizações *liberalismo* versus *fundamentalismo*, *evangelho social* versus *evangelho individual*, que infelicitaram os Estados Unidos no início do século 20, rasgando e parcializando o todo da mensagem bíblica, com efeitos deletérios no campo missionário, e pelo aparente triunfo do liberalismo e do evangelho social

no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em um desvio dos sonhos originais do movimento ecumênico representado pela Conferência de Edimburgo (1910), na Escócia. O que se pretendeu foi uma retomada da prioridade à Grande Comissão, aos postulados históricos do evangelicalismo: autoridade das Escrituras, centralidade do sacrifício na cruz, conversão e imperativo missionário. O evangelho em sua totalidade deveria se dirigir ao todo da pessoa humana, e “de todas as nações para todas as nações”. Lausanne 1 foi denominado pela revista *Time* “o Concílio Vaticano dos evangélicos”, e o seu documento final, o Pacto de Lausanne, deliberado soberanamente pelo plenário, após várias redações por uma comissão do mais alto nível, presidida pelo teólogo anglicano John Stott, foi tido como o mais

importante documento confessional da Igreja após o Credo dos Apóstolos e a Confissão de Westminster. O evento alcançou êxito porque foi transformado em um movimento de reflexão teológica e de mobilização missionária, mudando o curso da história da igreja desde então, com um acervo notável de encontros, textos e projetos. Os evangélicos readquiriram autoestima, iniciativa e hegemonia no cristianismo reformado internacional. O Congresso Lausanne 2, em Manila, por sua vez, foi por mim denominado “um passo atrás e um passo à direita”,

## Lausanne 3, com as suas limitações, foi em muitos sentidos uma encorajadora retomada das propostas originais

em virtude do esvaziamento de uma liderança multinacional compartilhada pelo comando centralizado anglo-saxão (desde o Congresso de

Amsterdã, em 1983), em que uma ala mais “conservadora” do evangelicalismo fazia fronteira com o fundamentalismo, era influenciada pela Guerra Fria, refletia as ideologias e os interesses do centro do poder mundial, tinha barreiras com o uso instrumental das ciências humanas e com um compromisso social a partir do evangelho. No Brasil, o Movimento Lausanne não foi inicialmente bem recebido, tido como “moderado” pelos mais extremados e como “extremado” pelos mais moderados, sinalizando o lamentável

grau de polarização teológica/ideológica que vivíamos após o Golpe Militar. Porém, desde 1970 que, em âmbito continental, fora organizada a Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), celeiro do evangelicalismo progressista, que muito influenciara o Movimento Lausanne e por ele seria influenciado. O Pacto de Lausanne continuou a ser valorizado e o “espírito de

Lausanne” nunca morreu, embora o Movimento tenha sofrido certo esvaziamento nas décadas finais do século passado e início do presente.

O Congresso Lausanne 3, com as suas limitações, como a escassa presença latino-americana, ou a ausência de conferências de peso sobre novos desafios (como a questão ecológica, por exemplo), foi, em muitos sentidos, uma encorajadora retomada das propostas originais. O número de países representados foi o maior. A nova geopolítica internacional afetou favoravelmente a geopolítica eclesial, com a disseminação do cristianismo por novas áreas do globo, a despeito de restrições e perseguições. O cristianismo é hoje uma religião mundial e ascendente, apesar da crise do espaço euro-ocidental. O envio de missionários não é mais monopólio dos países anglo-saxões, mas uma responsabilidade de todos, inclusive do Brasil. A Reforma Protestante está viva, o evangelicalismo (malgrado seus muitos “senões”) pulsa em dinamismo. Como um veterano de 36 anos de militância, volto de Lausanne 3 atualizado, motivado e encorajado para prosseguir com as velhas (e eternas) bandeiras, até o pijama e até a glória...

Dom Robinson Cavalcanti é bispo anglicano da Diocese do Recife e autor de, entre outros, *Cristianismo e Política — teoria bíblica e prática histórica* e *A Igreja, o País e o Mundo — desafios a uma fé engajada*. [www.dar.org.br](http://www.dar.org.br)



# Z3ideias

[www.z3ideias.com.br](http://www.z3ideias.com.br)

**Bíblias · Livros · Artigos Evangélicos**

**Livrarias**

São Paulo · Campinas · Americana

Santa Bárbara d'Oeste · Águas de Lindoia

**Tele Vendas**

**Interior de SP**

(19) 3464.9000

**São Paulo**

(11) 2626.0712

**Belo Horizonte**

(31) 2626.1274

**Brasília**

(61) 2626.1254

**Curitiba**

(41) 2626.1275

**Recife**

(81) 4062.0011

**Rio de Janeiro**

(21) 3005.7624

